

Edvaldo Ferreira

Coleção Descomplicando Redação

1ª edição
Recife - PE



2015

CAPÍTULO 1

NOÇÕES GERAIS SOBRE O TEXTO DISSERTATIVO

1.1 Dissertação Expositiva e Dissertação Argumentativa

Uns ignoram a necessidade de se fazer um roteiro; outros não sabem diferenciar tema de título. Há os que acreditam em inspiração. Quanto às margens do texto, às vezes elas não são respeitadas. Em meio ao texto de apoio, selecionado pela comissão, uns leem; outros copiam partes; há também aqueles que preferem não ler para não perder tempo.

O começo, em síntese, da redação é difícil para muitos candidatos. Talvez por não saber usar a folha rascunho. Ou por não ter agendado, antes da prova, tempo oportuno para se preparar. Saber que todo tema é abrangente e distinguir tema de título é indispensável para iniciar a dissertação. Também precisa conhecer que a dissertação é um tipo de texto que se caracteriza por trazer uma sequência de informações sobre determinado tema.

Existe a dissertação expositiva e há a dissertação argumentativa. Na primeira, o autor não se mostra opinativo sobre o que informa ao seu leitor. Está, portanto, ausente de tudo o que enuncia. Já na dissertação argumentativa, o autor, além de informar, escreve sua opinião sobre fatos ou sobre informações contidas em seu texto. Dessa forma, na dissertação

expositiva o interesse do autor é informar o leitor sobre o tema proposto pela banca examinadora, enquanto na dissertação argumentativa, além de informar o leitor, existe a intenção de convencê-lo diante de aspectos opinativos que se fazem presentes no texto escrito.

Para se ausentar ou se fazer presente no que escreve, é indispensável saber distinguir objetividade e subjetividade na enunciação. Confira:

OBJETVIDADE

1. Expressa fatos;
2. Contextualiza o coletivo;
3. O autor está ausente do texto;
4. Traz informações institucionalizadas;
5. O espaço é externo;
6. Contextualiza a formalidade.

SUBJETIVIDADE

1. O autor expressa sua opinião sobre os fatos;
2. Contextualiza a individualidade;
3. O autor está presente no texto;
4. O espaço é interno;
5. Contextualiza a informalidade;
6. Informações não institucionalizadas

Portanto, se alguém declara que **a inflação do mês foi 3,4%**, conforme leitura de certo instituto de pesquisa, temos o declarante ausente do que ele enunciou. Mas se além dessa informação, ele passa a opinar sobre a objetividade apresentada, passamos a tê-lo presente na enunciação. O mesmo ocorre na dissertação argumentativa, ou seja, existe o autor ausente enquanto objetivo, e presente no momento em que opina, em que escreve seu olhar criterioso sobre os fatos e as informações expostas. Leia atentamente o texto que segue:

Texto Dissertativo Expositivo

A pregação de um sermão e a publicação de uma ordem de delação faziam parte da rotina dos inquisidores medievais quando chegavam a uma nova localidade em seu itinerário. A ordem de delação, embrião do futuro édito da fé, não era tão minuciosa na descrição dos crimes – em uma sociedade onde predominava a comunicação oral, os inquisidores consideravam fundamental o papel do sermão.

É apenas mais tarde que se inverte essa relação de dominação do édito pelo sermão – tendência tornada irreversível com a fundação da Inquisição espanhola. **Com efeito**, o édito não era apenas lido depois do sermão: ele era afixado à porta da igreja. Como suporte de comunicação, ele se torna cada vez mais importante, **pois** assegura uma definição clara dos delitos sob alçada da Inquisição. Não é surpreendente que, em uma sociedade onde as elites urbanas são progressivamente alfabetizadas, a publicação do édito se torne o ato central da fundação dos novos tribunais e das visitas de distrito, um ato que adquire uma tal autonomia que é utilizado todos os anos para reafirmar os contornos da jurisdição inquisitorial. **Mas** a publicação do édito, **embora** breve e subordinada nos séculos XIII e XIV, era acompanhada pela proclamação de um "tempo de graça" de que podiam se beneficiar todos os culpados dos delitos de heresia que se apresentassem espontaneamente para confessar suas faltas aos inquisidores.

A publicação do tempo de graça, que se estendia geralmente até um mês, adquire uma tal rotina que é frequentemente incluída no protocolo final do édito – nesse caso, o édito passa a ser designado por "édito da graça".

(BETHENCOURT, Francisco. História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália – séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 155 e 156)

Trata-se de um texto dissertativo expositivo, por trazer uma sequência de informações sem que o autor opine sobre o que informa ao leitor. Observa-se que o primeiro período do texto contextualiza ações comuns àquela época. E por todo o primeiro parágrafo do texto o autor Francisco

Bethencourt não apresenta sua opinião sobre os fatos e as informações contextualizadas. No segundo parágrafo, os termos sublinhados deixam a certeza da presença do autor do texto enquanto articulador das informações; identificam a autor enquanto articulador do que informa, mas ainda sem contextualizar sua opinião, seu olhar sobre o que enuncia. E essa ausência de subjetividade sobre o dito também chega ao último parágrafo do texto.

Texto Dissertativo Argumentativo:

O que constrói o elo social, o que faz existirem nossos vínculos? Está ficando cada vez mais difícil viver em sociedade, bem sabemos. Nossos tempos privatizaram muito do que era público. "A praça é do povo, como o céu é do condor": o verso de Castro Alves parece, hoje, estranho. Quem vai à praça?

A praça, aliás, era já uma herdeira pobre da ágora, da praça ateniense, que não foi lugar do footing ou da conversa mole, mas da decisão política. A ágora era praça no sentido forte, onde as questões cruciais da coletividade eram debatidas e decididas.

Mas mesmo a praça, na acepção de espaço em que as pessoas se socializam, se enfraqueceu. É significativo que Roberto DaMatta, ao analisar a oposição entre o mundo doméstico e o público na sociedade brasileira, oponha à casa a rua, e não a praça.

A praça favorece a circulação, no sentido quase etimológico, do círculo, da ida e vinda, do encontro e reencontro: quem se lembra do que se chamava footing nas cidades do interior (os rapazes e moças dando voltas na praça, uns no sentido do relógio e outros no contrário, de modo a se cruzarem seguidas vezes) sabe do que falo. Já a rua é caminho de ida sem volta; fica-se na praça, anda-se na rua. Vai-se, sai-se.

Isso é ruim, se temos como ideal a ágora como centro da cidade. Mas pode não ser tão mau, se pensarmos que nunca houve uma ágora que integrasse todos – nem em Atenas, onde se excluíam mulheres, escravos e não-atenienses. O que podemos ter hoje é uma pulverização de centros. A periferia prevalece.

Há amizades via internet, como as havia por telefone, que dispensam e talvez até excluam o encontro físico. A comunicação é segmentada, não se concentra no político, mas ocorre assim mesmo. Talvez precisemos nos habituar a elos fracos, leves, temporários.

Não quer dizer que sejam maus. Continuam existindo elos fortes, os da intimidade, do amor, da grande amizade. Mas os elos que se abrem para o social mudaram de natureza: são mais fracos, porém mais numerosos do que antes. Precisamos nos acostumar à riqueza do efêmero.

(Adaptado de: RIBEIRO, Renato Janine. “O que forma o elo social?”
Disponível em: <http://www.renatojanine.pro.br/FiloPol/elosocial.html>)

Verifica-se, no texto acima, o autor intervindo com o seu olhar sobre fatos e informações. É comum adjetivos e advérbios expressarem subjetividade. As interrogações que iniciam o texto já convidam o leitor a uma reflexão. Observe que sobre o adjetivo “difícil” no segundo período do texto encontramos o advérbio “mais”. Essa intensidade é subjetividade que cai sobre o fato. O autor do texto está presente no que enuncia, pois. Correndo os olhos sobre o texto, constata-se continuamente o autor com suas cargas subjetivas. Enfim, estamos diante de uma dissertação argumentativa. Mais adiante, haverá maior detalhamentos sobre a personalidade na enunciação. Por enquanto, neste primeiro capítulo, observemos apenas presença do autor em sua composição, configurando a dissertação argumentativa.

1.2 A Delimitação do Tema

1.2.1 – Unidades Temáticas e Seu Aprofundamento

Todo tema é abrangente. Precisamos restringir o tema proposto pela banca. Imaginemos o tema O CARNAVAL BRASILEIRO. Podemos escrever sobre a indústria carnavalesca, sobre o uso de drogas durante as festas de carnaval, sobre a violência e o índice de mortes durante o carnaval, sobre a historicidade dos eventos carnavalescos. Há, enfim, inúmeras unidades temáticas que justificam títulos como CARNAVAL PERNAMBUCO x CARNAVAL BAIANO; O EMPREGO INFORMAL DURANTE OS DESFILES DAS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO etc.

Antes de idealizar a conhecida divisão INTRODUÇÃO, DESENVOLVIMENTO e CONCLUSÃO, procure restringir o tema proposto. Mesmo que a banca examinadora não peça título (só procure apresentar título em sua dissertação, se a comissão solicitar no caderno de redação da prova), a pessoa que estiver iniciando a dissertação precisa idealizar um título, pois ele quebra a abrangência natural do tema. Procure, por conseguinte, identificar unidades temáticas ou tópicos engajados ao tema proposto. Se me pedem para escrever sobre o ENSINO SUPERIOR NO BRASIL, ocorrem-me tópicos como: o docente, o discente, a estrutura da faculdade ou universidade brasileira. Eis o começo, ou seja, é preciso PLANEJAR ou fazer um ROTEIRO.

A introdução precisa ter estrutura concisa e antecipar para o leitor os tópicos que serão desenvolvidos (ou alguns desses tópicos engajados ao tema proposto). Como iniciar a introdução, sem ter pensado nas unidades temáticas engajadas ao tema proposto pela banca examinadora? Leia atentamente o texto que segue, reconhecendo cada unidade temática no início de cada parágrafo.

Texto

As indústrias culturais, e mais especificamente a do cinema, criaram uma nova figura, “mágica”, absolutamente moderna: a estrela.

Depressa ela desempenhou um papel importante no sucesso de massa que o cinema alcançou. E isso continua. Mas o sistema, por muito tempo restrito apenas à tela grande, estendeu-se progressivamente, com o desenvolvimento das indústrias culturais, a outros domínios, ligados primeiro aos setores do espetáculo, da televisão, do show business. Mas alguns sinais já demonstravam que o sistema estava prestes a se espalhar e a invadir todos os domínios: imagens como as de Gandhi ou Che Guevara, indo de fotos a pôsteres, no mundo inteiro, anunciavam a planetarização de um sistema que o capitalismo de hiperconsumo hoje vê triunfar.

O que caracteriza o star-system em uma era hipermoderna é, de fato, sua expansão para todos os domínios.

Em todo o domínio da cultura, na política, na religião, na ciência, na arte, na imprensa, na literatura, na filosofia, até na cozinha, tem-se uma economia do estrelato, um mercado do nome e do renome. A própria literatura consagra escritores no mercado internacional, os quais negociam seus direitos por intermédio de agentes, segundo o sistema que prevalece nas indústrias do espetáculo. Todas as áreas da cultura valem-se de paradas de sucesso (hit-parades), dos mais vendidos (best-sellers), de prêmios e listas dos mais populares, assim como de recordes de venda, de frequência e de audiência destes últimos.

A extensão do star-system não se dá sem uma forma de banalização ou mesmo de degradação – da figura pura da estrela. trazendo consigo uma imagem de eternidade, chega-se à vedete do momento, à figura fugidia da celebridade do dia; do ícone único e insubstituível, passa-se a uma comunidade internacional de pessoas conhecidas, “celebrizadas”, das quais revistas especializadas divulgam as fotos, contam os segredos, perseguem a intimidade. Da glória, própria dos homens ilustres da Antiguidade e que era como o horizonte resplandecente da grande cultura clássica, passou-se às estrelas – forma ainda heroicizada pela sublimação de que eram portadoras –, depois, com a rapidez de duas ou três décadas de hipermodernidade, às pessoas célebres, às personalidades conhecidas, às “pessoas”. Deslocamento progressivo que não é mais que o sinal de um novo triunfo da forma-moda, conseguindo tornar efêmeras e consumíveis as próprias estrelas da notoriedade.

- Gilles Lipovetsky e Jean Serroy.

Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato.

A dissertação bem organizada exige que o tema seja inicialmente dividido em tópicos. Topicalizar o tema é encontrar itens engajados. Trata-se da primeira camada do texto. Sim, há etapas, fases ou cavidades. Devemos procurar compreender a dissertação como sendo um tecido que apresenta em sua textura diversas camadas. Quando o candidato em sua dissertação se mostra superficial, o revisor costuma declarar que faltou aprofundamento. Às vezes, a banca examinadora exige maior verticalidade, ou seja, o candidato